

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Árabes no sertão do Brasil: o caso de Dourados no Sul de Mato Grosso (1910-1980)

Roney Salina de Souza*

Resumo: Imigrantes árabes sírio-libaneses estabeleceram uma rede de relações econômicas e identitárias na cidade de Dourados, no antigo Sul de Mato Grosso, através de uma movimentação comercial deslocaram elementos de sua cultura a fim de sobreviverem num mundo de fronteira. Iniciavam com o trabalho móvel de mascates, depois fixam residências e casas comerciais já no início dos anos 1920. Com a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, 1943, a cidade acelerou seu processo de urbanização, aumentando a população e tornando-se um espaço promissor de maiores relações comerciais atraindo mais ainda imigrantes sírios e libaneses, os quais ajudaram a compor as diferentes identidades locais.

Palavras-chave: Sírios – Libaneses – Sul de Mato Grosso.

Abstract: Syrian Lebanon Arabian immigrant settled economic and identity relation ship in the city of Dourados, the ancient South of Mato Grosso, through businesslike moving they dislocated some elements of their culture in order to survive in frontier world. They started as peddlers and the beginning of 1920 they have houses and shops. With the introduction of Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, in 1943, the city sped up its urbanization process, increasing its population and become a promising space of bigger bussines relationship, attracting more and more Syrian immigrants and Lebanon people who help us to compose the different local identities.

Keywords: Syrian – Lebanon people – South Mato Grosso.

Há situações que levam a rompimentos de atitudes, caso de grupos imigrantes que se vêm impelidos a mudarem suas atitudes frente a novas situações, incorporando o outro em si, mas não deixando de lado muitos de seus aspectos originais, gerando uma cultura híbrida: misto da vida nas relações de fronteira onde os deslocamentos são constantes.

* Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

No dizer de Canclini a hibridação trata-se de “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, todavia, adverte que é preciso “esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras” (CANCLINI, 1998: 19). Esta é a realidade do processo histórico dos sírio-libaneses em Dourados aprendendo a comerciar, o idioma português, da comida oriental, *tabule*¹, à mandioca com arroz e feijão.

Os fatores que fizeram sírios e libaneses cruzarem o Atlântico no século XIX, estão ligados ao imperialismo europeu do capitalismo espalhando-se pelo mundo, com uma produção cada vez mais rápida, desenvolvendo novas tecnologias, com forte espírito de lucro e colonizando áreas de influência partilhadas entre as principais potências (HOBSBAWM, 1981: 62); estas transformações econômicas vão atingir as comunidades aldeãs do Oriente Médio como melhoria nos meios de transporte, reduzindo a produção artesanal. A urbanização deslocou a produção agrícola para fins comerciais diminuindo as de subsistência e os jovens percebiam que nesse universo não haveria sucesso (TRUZZI, 2000: 316).

No campo político o Oriente Médio se tornou uma zona de influência dos interesses ingleses e franceses. Em 1916, no calor da Primeira Guerra, ocorrem os Acordos de Sykes-Picot, no qual, dividiram a região da “*Grande Síria*”, que englobava Palestina, Síria e Líbano, ficando sob o mandato da França (MASSOULIÉ, 1994: 20). Os muitos Estados Nacionais que atualmente compõem o mapa do Oriente Médio, como Síria e Líbano, não existiam e seus habitantes estavam submetidos ao Império Otomano dos turcos que após 1918, fragmenta-se. O período principal de imigração sírio-libanesa para o Brasil, segundo Truzzi, se dá de 1908 à 1939; neste período teriam entrado 47.361 pessoas desta nacionalidade (TRUZZI, 1997: 30).

No início do século XX antes de 1914, os sírio-libaneses já dominavam o comércio de tecidos atacadista e industrial², em São Paulo, concentrados na rua 25 de Março, (TRUZZI, 2001: 8). Esses pioneiros que obtiveram este sucesso são uma primeira geração de imigrantes cujas estratégias podem ser descritas assim: “À medida que o tempo passou [...] imigrantes chegados mais tarde tiveram que se estabelecer em regiões mais distantes do centro de São Paulo, ou em outras cidades e estados (TRUZZI, 2001: 8).

Os imigrantes novos, segunda geração, vem à “outras cidades” como no antigo Sul de Mato Grosso – SMT: Corumbá, Campo Grande e Dourados. Ainda nos primeiros anos de

¹ Vegetais com trigo para quibe hidratado.

² Setor de confecções e têxteis.

1900, a cidade de Corumbá abrigava muitas casas comerciais, de donos de origens diversas, dentro os quais, sírio-libaneses, cujos produtos eram redistribuídos para o interior da província mato-grossense como Aquidauana, Miranda, Dourados, etc. (SOUZA, [s.d.]: 85). À medida que o tempo avança os sírio-libaneses foram se instalando em Campo Grande, a qual, em 1914, passa a ligar-se com o oeste paulista via Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB, recebendo um contingente populacional maior e possibilitando que mais pessoas adentrassem o interior sertanejo povoado do SMT. (OLIVEIRA, 2001: 40).

Neste interior estava a cidade de Dourados, região povoada inicialmente por índios que em fins do século XIX recebe os migrantes paulistas, paranaenses, mineiros e gaúchos. Aos poucos se formou um núcleo, feito município em 1935, sob certas nuances urbanas que separava-se da vida campeira. Dourados, aos poucos, acabava servindo de “ponto de encontro onde, de tempos e tempos, as pessoas se reúnem em função do comércio – que começa a aparecer – ou em função das festas religiosas. Isto faz com que o povoado se acostume com visitantes e *forasteiros* que aí chegam [...]”, (MOREIRA, 1990: 11). Neste período já há referência de árabes como “Moisés Ralili Salomão, que chegou a Dourados em 1914 [...]. Na década de 1910, chega [...] José Martins, sírio, comerciava mel e prestava serviços de transporte de passageiros em seu pequeno carro Ford [...]”, e ainda Elias Milan, que chegou a Dourados em 1922” (SOUZA, 2007: 9).

Nos anos que se seguiram, Getúlio Vargas no Estado Novo, 1930-1945, numa tentativa de aumentar o contingente populacional das fronteiras via criação de colônias agrícolas, deu início ao projeto *Marcha para Oeste*, trazendo migrantes em direção ao Mato Grosso, Goiás, Paraná e Amazonas. Em Dourados foi criada Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, atraíndo muitos migrantes nordestinos (LENHARO, 1986: 15). Aumentando a população, ocorre um aumento da demanda de serviços urbanos e procura de gêneros do comércio desde alimentos a roupas, calçados, tecidos, etc., isto faz com que se avolumem os imigrantes de origem árabe em Dourados (SOUZA, 2003).

No calor do cotidiano os elementos de suas vidas iam se movimentando para o mundo do presente – Dourados – ou para o mundo do passado – Síria, Líbano. Aponta Bhabha que o “trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o ‘novo’ que não seja parte do contínuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural”, essa “arte”, esse recriação “renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente [indeterminado, incerto], que inova e interrompe a atuação do

presente”, isso nunca de forma homogênea e horizontal, mas num movimento cujo desenho são linhas que vêm e vão em ondas, para frente e para trás. Quando os sírio-libaneses de Dourados mudam suas estratégias para sobreviver e atingir sucesso e aceitação na sociedade nativa. Incorporando novas atuações é que o “‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”, ou seja, eles não abandonam o passado à própria sorte, mas pela necessidade da vida reconfiguram o presente (BHABHA, 1998: 27).

Dentre os elementos de negociação em Dourados há muitos, mas destaco a língua e o esporte futebol. A língua árabe era falada pelos imigrantes, pessoas com poucos anos de estudo, vide, por exemplo, Ismail “tinha 27 anos, eu estudei primeira ano só três meses, depois noutros anos só três meses, porque precisava trabalhar” (Depoimento de Ismail Mohamad El Chamaa). Isso fez com que o mesmo se alfabetizasse em árabe posteriormente no Brasil. Percebe-se o passado voltando.

A família de um certo imigrante sírio, Hayel Bon Faker, referem-se à vinda dele para o Brasil após ouvir de outros provavelmente retornados “a descrição do Brasil, feita por amigos, *patricios* como se diz no bom *árabes* (mistura do árabe com português) (*O Progresso*, 1995: 4-5; grifos no original).

Goulart faz menção à atividade do mascate, e a prática dos *árabes*, à sua “plasticidade”, pois “a rapidez com que aprendiam a relativa perfeição com que acabavam falando o idioma português [...] levavam aos confins do país [...] o comércio” (Goulart, 1967: 169-170). Este ponto é confirmado por Ismail “com seis, sete mês, já falava algumas coisa”.

O futebol foi outro espaço de articulação entre etnias o libanês Afif “a gente jogava futebol, amador, não é profissional, a gente tem muita amizade, o futebol cê faz amizade rapidão, lá no Líbano não jogava futebol, aprendi aqui no Brasil” (Dep. de Afif Hani Abu Harbi). Essa “amizade” é a fragmentação das relações, nós e o outros que levam a uma interação de pessoas.

Hayel Bon Faker fundou junto com um mineiro estabelecido em Dourados, Rafael Bianchi, o Ubiratan Esporte Clube em 1947, dito *Leão da Fronteira*, os jogadores eram douradenses, e paraguaios e os próprios filhos de Hayel; na época surgiu também o Estrela, por volta das décadas de 1940 e 1950 da família Milan, libaneses (Dep. de Anis Faker).

Neste período, anos 1950, 1960, 1970, eram comuns as disputas esportivas entre algumas famílias, o time Ubiratan era organizado por Hayel Bon Faker, que disputava com um outro time, o Operário, comandado por *dom* Ranulfo Saldivar, paraguaio, jogavam num clima de disputa esportiva.

Não poderia deixar de mencionar as movimentações acerca da formação das identidades nacionais dos grupos envolvidos, todavia sob aspecto da formação de seus Estados Nacionais. A idéia de uma identidade nacional no período de 1880-1918 é o ponto da relevância de:

sentimentos e símbolos de uma comunidade imaginária cuja tradição começava a ser inventada [...] A partir dessa época, a nação passou a ser vista como algo que sempre teria existido, desde tempos imemoriais, porque suas raízes deitam-se no próprio povo que a constitui (CHAUÍ, 1996 :18).

Estes símbolos encontravam seu alicerce na língua, costumes e na raça, elementos dispersos nas sociedades que “com a capacidade para incorporar numa única crença as crenças rivais” mesmo que houvesse diferenças, um único elemento encontrava sentido “sob o fundo comum da nacionalidade” (CHAUÍ, 1996: 19). Embora depois da Segunda Guerra Mundial, o fluxo de imigrações e mudanças continuou levando as pessoas nativas à xenofobia, reacendendo nacionalismos, no caso dos sírio-libaneses à uma vida híbrida, além de uma idéia de nação estática, para uma vida diária num ambiente *transnacionalizado* (Wenden apud CORDELIER, 1995: 41).

Ao pensarmos em imigrantes sírios e libaneses estamos falando do mundo árabe. É preciso ter em mente que este “mundo” é uma história, na maioria das vezes, feita por ocidentais que traduziram a sua maneira, o modo vida e a história do Oriente Médio. Said aponta que este local não é homogêneo, mas é representado num conjunto de formas chamada *orientalismo*, no qual o “Oriente era quase uma invenção européia [...] um lugar de romance, de seres exóticos [...] uma das mais profundas e recorrentes imagens do Outro” (SAID, 1990: 13).

Este orientalismo é um discurso com intensão autoritária. Os sírio-libaneses o são como o nome diz, mas também são imigrantes, são comerciantes, são pessoas, tem diferenças, são humanos e são árabes. Este conceito de árabe vem do fato de que quando o Islã surge na Península Arábica, a nova religião une politicamente grupos meridionais e setentrionais da região. Consolidada a união, formou-se um Estado, depois um Império. A partir da expansão há dois movimentos muito importantes: o de *arabização* e o de *islamização*. A arabização é o conjunto de costumes, mentalidades e a língua árabe que muitos grupos, como na Síria e Líbano, diferentes aos poucos foram aderindo ou resistindo. A islamização é o processo de incorporação da religião islâmica à cultura local. Estes dois movimentos estão dentro da

expansão árabe, porém com alcances em tempos heterogêneos. Deste processo há países hoje que passaram pela islamização, mas não são árabes como a Turquia, o Irã e o Paquistão e outros que passaram pela arabização sem ser islamizados como o Líbano.

No século XX, quando muitas idéias européias estavam florescendo no Oriente Médio, a idéia de nação vai tomar fôlego para a formação dos Estados Nacionais e no Egito com Abdel-Nasser e o *pan-arabismo*: há uma retomada do termo *árabe* na pretensão de unificar os países árabes. Porém haverão pensamentos independentes como os intelectuais Taha Hussein e Luís Auad ser egípcio, descender do povo faraônico era diferente de ser árabe. (NUNES, 2002: 191) Ainda há outros que afirmam que ser árabe significa falar a língua árabe, como aponta Sati Al-Husri, que argumentava uma possibilidade de homogeneização dos árabes por via lingüística, desconsiderando particularidades sócio-geográficas locais (HARBI, 1998, p. 88).

A pretensa identidade nacional busca elementos constituintes do grupo, ou de sua maior parte, e por mais que sejam partilhados entre os membros, nunca revelam a totalidade do ser humano, por exemplo, se um sírio fala árabe, emigrou geograficamente de Damasco – caso de , Hayel Bon Faker – é possível por uma questão unicamente de classificação que eu o pense enquanto sírio, mas ele é mais que isso, a partir de sua vida aqui num outro lugar ele passa a viver na fronteira ao ponto de pertencer ao clube nativo classificado como douradenses e brasileiros. O fator histórico e o da formação de nacionalidades, que por vezes pretendem uma história nacional, são elementos fortes para classificar uma etnia, mas isso não significa que ela se resuma a isso, a vida nos entre-lugares vai variar de acordo com o interesse e a ocasião: dizer “fulano é sírio, é libanês, é douradense, é as duas coisas!” fala muita coisa, mas não diz tudo, é apenas *um dos* traços do que na realidade estes imigrantes são: agentes históricos.

Eles pensam a si mesmos! Quando perguntados sobre como se sentiam se mais brasileiros ou sírios, libaneses, algumas fontes apontaram imigrantes como Hayel Bon Faker que “nunca se naturalizou brasileiro. Os filhos contam que tinha prazer em dizer que era libanês [...] É que o Líbano é considerado por eles [libaneses] a *menina dos olhos* do Oriente..” diz o jornal (*O Progresso*, 1995: 4-5; grifos no original).

Dos entrevistados, a maioria respondeu que se identifica com o Brasil, que se sentiam brasileiros, de casa “Aqui em Dourados eu conheço todo mundo [...] tenho 50, 60 anos aqui já [...] eu não nacionalizei porque na Polícia Federal, eu fui lá dois, três vezes não dava certo” afirma Zaki (Dep. de Zaki Ahmad Gebara), continua sua esposa: “ele fala minha

pátria é o Brasil, eu amo o Brasil, a gente vivi daqui né? [...] Às vezes, é mais brasileiro que árabe, pega muito costume” (Dep. de Mufida Gebara).

Mas ao longo das justificativas, em suas falas eles e elas deixavam escapar quase que como numa *delação* palavras que os vinculavam às *misturas*: “Todos nós somos seres humanos, irmãos, todos filhos de Adão e Eva, nós temos muito com os portugueses, espanhóis, tem muita mistura, muito parente” (Dep. de Zaki Ahmad Gebara). E novamente às misturas:

me vejo total como brasileiro, apesar de se eu ir lá no Líbano lá eu tenho dupla cidadania [...] Se alguém pergunta eu sou brasileiro naturalizado, tem que honra o nome a tradição né, nasci lá, sou brasileiro, nasci lá, sangue árabe, é um destino, Deus prega na gente, tenho orgulho das duas pátrias (Dep. de Afif Hani Abu Harbi; grifos meus).

E claro, à reafirmação de si mesmo: “muita gente que acha que os [...] [o imigrante sírio-libanês] veio pra enriquecer aqui no Brasil”, afirma Zaki, mas tal como outros, retoma o elemento família “deixamos os filhos poderosos, filhos estudados”, e ainda “construção pra todo lado, construímos a cidade”, e conclui quase que num lamento nacionalista “minha pátria não foi beneficiada com isso!”, mas “tudo que ele conseguiu ele sofreu aqui, ele, deixou aqui” ajuda Mufida (Dep. de Zaki Ahmad Gebara e Mufida Gebara).

Sem dúvida, *mudança* e *conservação* são marcas destes sírio-libaneses em Dourados, eles são um objeto híbrido. Já no calor da batalha, a *brasilidade* se fez marcar, ou seria impossível a vida aqui, mas a *arabidade* foi guardada e usada nos encontros entre amigos, quando já havia certo sucesso comercial, ao ler e escrever cartas, ao fazer festas e convidar brasileiros, ao fazer comidas árabes e estar à mesa com nativos, por fim, a *brasilidade* também se rende a *arabidade* como que numa dança cósmica indo e vindo, são duas vidas, duas terras, dois corações numa só pessoa.

Bibliografia e fontes

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1998.

BOSCO, Maria Goretti Dal. Hayel Bon Faker, um pouco da história alegre da colonização árabe. *O Progresso*, Dourados, 1-2 jul. 1995. p. 4.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

GOULART, José Alípio. *O mascate no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1967.

HARBI, Mohammed. O mito nacional árabe em questão. In: CORDELIER, Serge (Coord). *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Pereira e Marcos Penchel. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 366 p.

MASSOULIÉ, François. *Os conflitos do Oriente Médio: séc. XX*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

MOREIRA, Regina H. Targa. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande: UFMS, 1990.

OLIVEIRA, Marco A. M. de. *Mais Importante era a Raça. Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande, MS*. Tese de doutorado. F.F.L.C.H., USP, 2001.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Lécio G. de. *História de Corumbá*. s/c:s/e, s/d.

SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul de Mato Grosso: o caso de Dourados (1914-1980). *História em reflexão*, Dourados, ano 1, n.º1. jan.jul. 2007. Acesso em 2 abril 2007.

SOUZA, Roney. *A presença dos imigrantes sírio-libaneses no povoamento e nas relações comerciais da região de Dourados (1920-1960)*. 2003. 41 f. Monografia (Iniciação Científica) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997. 247 p.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Bóris (Org). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 315-351.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

Depoimentos

Afif Hani Abu Harbi, 2 nov. 2006;

Anis Faker, 3 mar. 2007;

Ismail Mohamad El Chamaa, 15, nov. 2006;

Mufida Sater Gebara, 23 de nov. 2006.

Zaki Ahmad Gebara, 23 de nov. 2006;